

Pedagogia da Alternância e a formação dos trabalhadores camponeses

Marizete Andrade da Silva¹

Resumo: Atualmente a Pedagogia da Alternância constitui-se como uma importante estratégia para assegurar a formação dos trabalhadores do campo, apesar de todas as contradições que enfrenta. Neste sentido, através de uma revisão bibliográfica, objetivamos apresentar uma delimitação teórico-conceitual da Pedagogia da Alternância e descrever seus principais instrumentos metodológicos. Identificamos, ao término desta discussão, que a dinâmica histórica de expansão da Pedagogia da Alternância aponta para um necessário e permanente movimento de rupturas e de novas articulações.

Palavras-chave: Pedagogia da Alternância; Camponeses; Educação do Campo.

Alternation Pedagogy and the formation of peasant workers

Abstract: Currently Pedagogy of Alternation has been an important strategy to ensure the training of rural workers despite all the contradictions it faces. In this sense, through a bibliographic review we aim to present a conceptual theoretical delimitation of Pedagogy of Alternation and describe its main methodological instruments. At the end of this discussion, We identified, at the end of this discussion, that the historical expansion dynamics of Pedagogy of Alternation points to a necessary and permanent movement of ruptures and new articulations

Keywords: Pedagogy of Alternation; Peasants; Countryside Education.

Introdução

A partir da emergência do Movimento de Educação do Campo no final da década de 1990, a utilização da alternância na formação dos povos camponeses constituiu-se em um dos principais objetos de análise para quem se dedica a compreender as metodologias que melhor reúnem as possibilidades de construir uma experiência educativa, participativa e autônoma. A complexidade da Pedagogia da Alternância, bem como das especificidades dos processos formativos dos Centros Familiares em Formação por Alternância,² são razões pelas quais, mesmo estabelecidos há mais de meio século no Brasil, permanecem como fontes imprescindíveis de investigação sobre a prática educacional pensada e praticada pelos povos camponeses.

A primeira experiência de formação por alternância no Brasil aconteceu no município de Anchieta, sul do Espírito Santo, em 1968, por iniciativa do padre jesuíta padovano Humberto Pietrogrande, cuja

1 Doutoranda no Programa de pós Graduação em educação e Inclusão Social da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: <marizethandrade@hotmail.com>

2 Segundo García-Marirrodrga e Puig-Calvó (2010, p. 59) “um Centro Educativo Familiar de Formação por Alternância, um CEFFA é uma Associação de famílias, pessoas e instituições que buscam solucionar uma problemática comum de Desenvolvimento Local através de atividades de formação em Alternância, principalmente de jovens, sem excluir os adultos”.

formação pastoral foi influenciada pela *Scuole Della Famiglia Rurale* da região de Veneto, nordeste da Itália. A chegada do sacerdote ao estado, em 1965, coincidiu com um dos momentos mais críticos da economia capixaba, que se traduzia na precarização das condições de vida das famílias agricultoras assemelhando-se, em muitos aspectos, à situação experienciada, quase três décadas anteriores, pelos trabalhadores rurais franceses, pioneiros da Pedagogia da Alternância. Foi neste contexto de ruptura do equilíbrio da dinâmica da agricultura do estado em que se intensificam as condições precárias de vida da população, especialmente dos trabalhadores das unidades produtivas familiares, que o padre Humberto Pietrogrande inicia sua atividade pastoral e social. Influenciado pelo movimento transformador que a Igreja Católica passava na década de 1960, expressado pelo Concílio Vaticano II pela Encíclica *Mater et Magistra* do Papa João XXIII e *Populorum Progressio* do Papa Paulo VI, o sacerdote jesuíta empreende no Espírito Santo um conjunto de ações que, para além do caráter sacramentalizador, tinha como propósito minimizar a drástica situação socioeconômica dos trabalhadores camponeses da região sul do estado. Dentre esta plataforma de iniciativas de conteúdo social e humanista foi instituído, no ano de 1968, o Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES) que se tornaria o principal responsável pela expansão das Escolas Famílias Agrícolas e da Pedagogia da Alternância no Brasil.

Atualmente a Pedagogia da Alternância é considerada uma proposta educativa consolidada, e tem se constituído como uma importante estratégia para assegurar a formação dos trabalhadores do campo em distintos níveis e modalidades de ensino. Apesar de todos os desafios e contradições que esta experiência enfrenta, sua direção aponta para o horizonte da ampliação das dimensões formativas e dialógicas em diferentes tempos e espaço educativos colocando em perspectiva a materialidade da vida dos sujeitos sociais que garantem a realização destes processos.

Neste sentido, partindo da compreensão de que a Pedagogia da Alternância está vinculada aos conteúdos sócio-formativos com a capacidade de contribuir com o desenvolvimento de uma nova base produtiva, societária e cultural, objetivamos neste texto apresentar uma delimitação teórico-conceitual da Pedagogia da Alternância e descrever sobre seus principais instrumentos metodológicos: o Plano de Estudo e o Caderno da Realidade.

Conceituando Pedagogia da Alternância

Segundo o Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES) a Pedagogia da Alternância se refere a uma formação global em que os períodos de estudo e a vivência na escola e junto à família são alternados. “É uma formação que contempla ação-reflexão-ação, num processo contínuo e interminável, pois pressupõe que aprender é inerente à vida humana e que todo homem aprende sempre” (2021).³

Partindo do pressuposto de que a alternância de tempo e espaço não é uma exclusividade dos Centros Familiares em Formação por Alternância e, inclusive remete a momentos históricos anteriores ao início do século XX, podemos então questionar: qual a diferença entre estas instituições e àquelas que também recorrem a esta dinâmica para o desenvolvimento dos seus processos socioeducativos? A resposta para esta interpelação está relacionada diretamente a visão de escola que está sendo assumida. Neste sentido, é impossível conceituar a Pedagogia da Alternância enquanto natureza constitutiva e explicativa dos projetos educativos voltados para as populações camponesas sem compreender os processos sociais e históricos que são portadores desta forma singular de organização do complexo ensino-aprendizagem.

3 <<https://www.mepes.org.br/pedagogia-da-alternancia>>.

Para Silva (2000) a principal dificuldade em conceituar Pedagogia da Alternância está na complexidade que o sentido de alternância apresenta, uma vez que:

O termo alternância recobre um campo de práticas diversas, com contornos incertos, difíceis de caracterizar e insuficientemente catalogados. Parece difícil de conferir a este termo outra coisa que o caráter de uma noção e não aquele de conceito. Seu conteúdo é proteiforme. É certo que se trata de práticas pedagógicas, mas imbricadas a outras práticas circundantes do ato pedagógico stricto sensu, práticas vigorosas diversas segundo as situações, em que interferem o organizacional ou o institucional (...), o político (...), o ideológico (...), o econômico (...) e também o utópico. Daí possivelmente o caráter ambíguo de florescimento relativamente recente deste termo. (SILVA, 2000, p. 20).

A Pedagogia da Alternância em Gimonet (2007),⁴ é uma metodologia que diverge do ensino habitual, tendo em vista que a realidade e a formação escolar não se dissociam. Pelo contrário, unifica estas duas dimensões para que os saberes pré-existentes sejam integrados aos novos saberes e, deste modo, possam fazer sentido ao sujeito. Ainda como destaca o autor, são as relações sociais que ultrapassam àquelas fundadas em professor-aluno que legitimam esta metodologia, pois diz respeito a uma educação compartilhada entre todos os envolvidos e comprometidos com a formação por alternância. É neste sentido, que em Gimonet a Pedagogia da Alternância pode ser concebida como uma rede complexa de relações.

A força inovativa do princípio formativo da Pedagogia da Alternância é constituída da possibilidade do intercâmbio de saber, conhecer e praticar entre os estudantes, a família e, de uma maneira mais geral, entre a comunidade camponesa da qual fazem parte. Por isso os CEFFAs representam a aplicação prática das demandas e métodos educacionais propostos e demandado pelo que emerge do amplo debate sobre educação e formação.

Para Saviani (2012, p. 29-30):

Resumidamente, podemos dizer que a denominação “pedagogia da alternância” se refere a uma forma de organizar o processo de ensino-aprendizagem alternando dois espaços diferenciados: a propriedade familiar e a escola. Liga-se, pois, tanto pela sua origem como pelo seu desenvolvimento, à educação no meio rural. Seus princípios básicos podem ser assim enunciados: 1. responsabilidade dos pais e da comunidade local pela educação de seus filhos; 2. articulação entre os conhecimentos adquiridos por meio do trabalho na propriedade rural e aqueles adquiridos na escola; 3. alternância das etapas de formação entre o espaço escolar definido pelas “Escolas Família Agrícola” e a vivência das relações sociais e de produção na comunidade rural. Como se vê, a característica própria da pedagogia da alternância reside na realização do processo ensino-aprendizagem alternando o período de permanência na escola, geralmente por uma semana e o período de permanência na vida familiar, geralmente por duas semanas.

Enquanto relação educativa entre família, escola e comunidade a característica fundamental da Pedagogia da Alternância está na análise crítica de uma situação concreta que se localiza nas práticas, construções coletivas e dinâmicas sociais, colaborando com a organização da vida dos sujeitos camponeses. Portanto, como forma de orientar o processo de ensino-aprendizagem ela é inaplicável se estiver isolada do conhecimento histórico e cultural, das formações sociais com as quais se relaciona cotidianamente.

Nas experiências e aprendizagens vivenciadas e vividas a Pedagogia da Alternância encontra os componentes que permitem a manutenção da circularidade de saberes que estão presentes nos cotidianos familiares, escolares e comunitários. Para Giorio, Lazzari, Merler (1999) é através desta conjunção entre

4 A alternância em Gimonet (2007) pode assumir três formas distintas: a falsa alternância que diz respeito à contínuos períodos de trabalho prático e estudo, sem nenhuma relação manifesta entre si; a alternância aproximada que se refere mais propriamente a uma soma de atividades profissionais e tempo de estudo que uma interação autêntica entre os dois e a alternância real ou, também, chamada de integrativa que permite estreita conexão e interação entre formação teórica e prática.

a realidade e uma metodologia própria que a valorização de conhecimentos e saberes, já elaborados socialmente e historicamente, é possibilitada; que se realiza a intercessão contínua e sistemática entre os saberes da vida familiar e os saberes escolares; os espaços e tempos formativos compreendem tempos e espaços familiares e escolares; se efetiva a convivência das multiplicidades culturais, gênero, geração e raça; promove um currículo relacionado ao universo real do educando; os princípios de desenvolvimento incorporam a dimensão social, comunitária e ecológica; se valoriza os processos educativos informais ancorados nos distintos valores e conhecimentos dos camponeses; a composição de uma autonomia cultural, da memória histórica e de uma cultura de sustentabilidade.

A Pedagogia da Alternância garante o movimento em que o sujeito transforma suas experiências em um elemento mediador através do qual serão elaborados coletivamente comportamentos, valores, habilidades e conhecimento sistematizado que contribuirão para a reprodução do complexo tecido social e político que é o campesinato.

Segundo Gimonet (2007), existe na Pedagogia da Alternância a predominância da experiência, que descreve o sincronismo entre família e escola. O movimento de saída da experiência para o encontro de um saber mais teórico retorna ao ponto inicial, quando este conhecimento sistematizado se consolida. Tal ciclo apresenta uma dupla relação: o lugar da escola com seus saberes e suas atividades e, do outro lado, o trabalho e a produção da vida social, cultural e econômica. Assim, a experiência deve ser compreendida como um sustentáculo de formação e um acúmulo de saberes. Nesta mesma direção García Marirrodriaga e Puig Calvo (2010) apresentam que a Pedagogia da Alternância vincula o saber escolar ao saber para o trabalho rural. Este sistema educacional começa por reconhecer que, para os estudantes, é necessário e culturalmente apropriado realizar tarefas rurais em suas vidas diárias. Deste ponto de vista, a alternância aponta para uma formação integral dos alunos (um dos quatro pilares dos CEFFAs), pois seu objetivo é, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de pessoas em seu ambiente através da mobilização de todo um complexo social (composto de famílias, professores, agentes comunitários e outros atores sociais).

A formação abrangente é senão um processo elementar para garantir ao camponês a possibilidade de identificar seu lugar social não somente através de uma paisagem específica, mas conforme a situação de classe, das lutas políticas e das contradições que determinam sua existência. É, neste sentido, uma maneira de construir uma perspectiva ampliada de mundo que possibilita colocar em contraposição as variadas maneiras pelas quais o ser humano produz, coletivamente, os meios de subsistência para existir enquanto ser social, em detrimento da capacidade de se opor meramente às circunstâncias e as posições que ocupam de forma isolada dentro das relações produtivas.

Heras e Burin (2002) destacam que a Pedagogia da Alternância se refere tanto a uma maneira de organizar a escolarização quanto a uma abordagem pedagógica. Como forma organizacional, trata-se de períodos alternados de permanência em escola com períodos em casa ou na propriedade da família; como proposta pedagógica, objetiva intervir na realidade em que se vive, questionando-a e sustentando processos vitais que permitem as famílias terem acesso à educação para seus filhos enquanto permanecem nas áreas rurais, uma perspectiva definida como enraizamento em alguns países. Desde suas origens, essa abordagem contemplou ferramentas pedagógicas distintas e uma configuração institucional com base na participação das famílias na gestão administrativa, organizacional e pedagógica das escolas.

Por ser uma construção coletiva a Pedagogia da Alternância irá assumir uma variedade de formas para se constituir enquanto tal. No entanto, independente do território campesino ou do projeto de educação camponesa que se pretenda implementar, a finalidade da alternância está pautada em um eixo fundamental: a transformação da realidade.

(...) se os homens são seres do que fazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. E, na razão mesma em que o fazer é práxis, todo fazer do que fazer tem de ter uma teoria que necessariamente o ilumine. O que fazer é a teoria e prática. É reflexão e ação. Não pode reduzir-se, como salientamos no capítulo anterior, ao tratarmos a palavra, nem ao verbalismo, nem ao ativismo. A tão conhecida afirmação de Lênin: 'Sem teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário' significa precisamente que não há revolução com verbalismo, nem tampouco com ativismo, mas com práxis, portanto, com reflexão e ação incidindo sobre as estruturas a serem transformadas (FREIRE, 1987, p. 121).

A aproximação que existe entre a Pedagogia da Alternância e a concepção de educação que está no pensamento de Paulo Freire se refere a possibilidade de intervenção humana no mundo como produto de uma reflexão crítica da realidade. E, neste sentido, ambas adquirem uma conotação política e ideológica. A interferência consciente dos camponeses nos processos históricos e a compreensão das determinações mais profundas da forma de campesinato que se desenvolveram são fatores imprescindíveis para se conceber este espaço, não a partir de seu destino histórico, mas em função da lógica de sua própria existência.

Segundo Rodrigues (2008), o período inicial das escolas de alternância no Brasil foi caracterizado por duas lógicas diferentes, mas complementares: a resistência dos agricultores à exclusão econômica e cultural e as possibilidades de responder a essas demandas com base em uma proposta pedagógica. Nestes termos, o autor também destaca a influência indireta das ideias do pedagogo Paulo Freire que mais tarde teve seu pensamento incorporado gradualmente, mas solidamente às escolas de alternância. Os princípios de integração entre teoria e prática, a valorização da experiência como ponto de partida para ensino e aprendizagem, a necessidade de problematizar o contexto social e a concepção de homem como agente histórico de transformação de realidade social são aspectos compartilhados tanto pela Pedagogia da Alternância quanto pela pedagogia de Freire. É por esse motivo que no Brasil a modalidade alternância exerce um papel fortemente político e torna-se parte de um movimento educacional nacional maior, a chamada Educação do Campo, que afirma o direito da população a ser educada no ambiente em que vive e, acima de tudo, a uma educação pensada a partir desse local.

A utilização da alternância na formação dos agricultores expressa que o engajamento destes trabalhadores pelo direito à educação não está restrito no âmbito de uma mera conquista democrática, mas se trata, principalmente, de adequar uma forma institucionalizada de apropriação do conhecimento enquanto patrimônio acumulado e decantado ao longo da história da humanidade às necessidades concretas dos povos camponeses, de modo a constituir-se como instrumento político em suas lutas sociais.

Excluir ou mesmo distanciar o movimento histórico e social em que se insere a reprodução do campesinato, como processo de recriação e resistência, das reflexões elaboradas com o propósito de compreender a Pedagogia da Alternância é reduzir o termo a simples combinações que relacionam categorias recortadas de uma complexidade, a exemplo daquelas nas quais se inscreve o binômio "tempo-escola e tempo-comunidade". Mas afinal, de qual escola e de qual comunidade estamos nos referindo?

A Pedagogia da Alternância é, a um só tempo, resultado das lutas sociais empreendidas no campo e parte constitutiva desses processos. Se por um lado, emerge das mobilizações políticas forjadas pelos trabalhadores camponeses, tendo em vista a necessidade de compreender e orientar as circunstâncias e as experiências que produzem e reproduzem um conjunto de estratégias que lhes garantam a permanência histórica; por outro lado, podemos concebê-la como forma de organização pedagógica-política das famílias agricultoras em conformidade com a realidade objetiva em que se inserem enquanto forças sociais.

Instrumentos metodológicos e pedagógicos na formação em alternância para os camponeses: o caso do plano de estudo e do caderno da realidade

A Pedagogia da Alternância, desde sua origem histórica no campesinato brasileiro, parte de uma

perspectiva de transformação social e, desta maneira, concebe o conhecimento enquanto uma construção coletiva e dialética num constante movimento de ida e volta entre teoria e prática, bem como entre a racionalidade científica e as relações cotidianas. O ponto de partida e o ponto de chegada é a realidade e a prática social dessa realidade, ou seja, as experiências de vida e as formas de organização do trabalho dos agricultores camponeses. A efetivação desta dinâmica, segundo o Mepes (2021) articula vários momentos que, essencialmente, abrange: i) a vida do jovem no contexto socioprofissional (Estadia): inserido no trabalho, pesquisa e avaliação; ii) a vida no ambiente escolar (Sessão): espaço de análise, comparação, questionamento, reflexão, aprofundamento, sistematização dos conhecimentos da realidade familiar - comunitária e profissional, articulando-os com os conhecimentos gerais e técnicos; e iii) retorno do jovem ao seu meio socioprofissional: novas interrogações, ideias, novas pesquisas, experiências, aplicações práticas de técnicas nas relações produtivas agrícolas, de atitudes no meio vivencial e de organização no planejamento das atividades.

O processo de articulação destes espaços e tempos, ainda que passe por variações na orientação didático-pedagógica, se realiza através de instrumentos pedagógicos específicos que fundamentalmente são: Plano de Estudo, Caderno da Realidade, Viagem e Visita de Estudo, *Estágio*, Serões, Visita às famílias e Avaliação. Tais dispositivos são elementos que associam e colocam em sincronia o ambiente escolar e as dimensões gerais da formação socioprofissional. Desta perspectiva, são estes instrumentos pedagógicos que, por meio de uma relação de interdependência, garantem o equilíbrio, o movimento e a fluidez da alternância. Uma vez ausentes os instrumentos adequados à realização da alternância, esta se limitará a ser uma ideia pedagógica muito interessante, todavia, sem a realidade efetiva. Isso decorre do fato de que, assim como em outros métodos, tudo se interconecta com a alternância, funcionando como um sistema em que os distintos componentes interagem entre si. Sem projetos ou o direcionamento que lhe garanta sentido, os instrumentos pedagógicos, como reflete Gimonet (2007, p. 28), podem ser compreendidos como “justaposições de atividades escolares e sua implementação faltar-lhe alma e dimensão”. A eficiência formativa e educativa que caracteriza a alternância está relacionada à coerência, havendo entre todos os elementos da situação de formação e, especialmente, entre as finalidades, os meios do dispositivo pedagógico e os objetivos.

O Plano de Estudo constitui-se no principal instrumento metodológico da alternância, pois é um método de pesquisa participativa que possibilita analisar os diferentes aspectos da realidade do estudante e que resultará em uma relação autêntica entre a vida e a escola. A centralidade que assume diante das ações educativas dos CEFFAs reside no fato de ser um mediador entre o conhecimento científico, socialmente e historicamente acumulado, e a cultura popular camponesa.

Segundo o MEPES (2020), o método do Plano de Estudo se estrutura na seguinte forma: mobilização/ investigação, problematização, reflexão/generalização, conscientização/ação. A partir desta dinâmica, ele atinge e conecta diretamente os estudantes, a família e outras entidades, e os educadores. Os primeiros assumem o protagonismo da investigação e, deste modo, se convertem em agentes mobilizadores dentro da Alternância. O segundo coletivo, que vivencia intrinsecamente a realidade socioeconômica dos estudantes, oferece e demonstra as condições necessárias para a formação global dos sujeitos organizadores da pesquisa em conformidade com as suas experiências de vida. E, os últimos, são os responsáveis pela orientação da funcionalidade metodológica: acompanham, facilitam e estimulam o envolvimento dos estudantes enquanto articuladores centrais em todo o processo de reflexão da dinâmica da práxis, promovendo uma relação autêntica entre a escola e a vida.

Ele é o meio e a oportunidade de observações, de pesquisas, de discussões e de reflexões com os atores do meio, mas também de expressão oral, escrita, gráfica. Ele é o instrumento essencial para captar a

cultura na qual vive o jovem, pegar-lhe os componentes, as riquezas, os limites para interpelar as práticas existentes, até mesmo as rotinas, o que em seguida, pode iniciar às vezes, graças às tomadas de consciência, mudanças e desenvolvimento. Não se trata de um mero instrumento de pesquisa monográfica, mas de um instrumento chave de aplicação, de poder e de cultura se conseguirmos dar-lhe as dimensões que requer (GIMONET, 2007, p. 7).

Embora seja considerado um método que organiza os momentos formativos dos CEFFAs, como: visitas e viagens de estudo, cursos e oficinas, vivências, avaliações entre outros, o Plano de Estudo adquire maior relevância enquanto norteador de estudos dos temas da realidade que são periodicamente elaborados pelos educadores e estudantes. Desse modo, este instrumento metodológico garante que o eixo axial da aprendizagem seja a realidade objetiva.

O Plano de Estudo (PE) é um instrumento fundamental na Pedagogia da Alternância. Através dele se dá a integração da vida do aluno e da comunidade com a EFA, criando-se assim, no aluno, o hábito de ligar a reflexão com a ação e de partir da experiência para a sistematização científica. O PE, na verdade, é uma pesquisa que parte de um tema gerador, e que o aluno, o alternante, leva para desenvolver durante a sessão que passa em casa. Para isso, o diálogo entre o aluno, os monitores e a família constitui a base desse instrumento (ARAÚJO, 2007, p. 48).

A procura por conteúdo programático da educação se revela em um processo de investigação que é conforme Freire (1987) defendida como uma metodologia dialógica resultando em inúmeras possibilidades de enunciações que, por seu turno, aglutina um conjunto de temas geradores. O que se pretende compreender não são os sujeitos anatomicamente estáticos, mas sim o pensamento-linguagem que são materialmente referidos, assim como os graus de percepções compostos por um complexo de cosmovisões. Um tema gerador não se constitui enquanto uma elaboração arbitrária, ou uma hipótese que precisa ser confirmada. Anterior à sua assimilação é fundamental pensar a subjetividade, atentando para uma formação desenvolvida tendo como fundamento uma reflexão crítica a respeito das relações que se efetivam entre homem-mundo e homens-homens.

O Plano de Estudo é, deste modo, um dispositivo que possibilita o estímulo à motivação e a compreensão do sentido social e político da apropriação dos conteúdos enquanto componentes curriculares. É a primeira fase de um processo em que os estudantes investigam sobre o meio em que vivem e apresentam respostas científicas aos fenômenos que se manifestam no cotidiano da vida e do trabalho.

Outro mediador importante entre a sessão escolar com o meio socioeconômico e que abrange todas as atividades relacionadas diretamente a dinâmica da sessão e da estadia ao tempo-espço com a realidade do estudante trata-se do Caderno da Realidade. De acordo com o MEPES (2020) este dispositivo pedagógico acumula o registro de acontecimentos sobre a realidade a qual o estudante está inserido. É o elemento que possibilita ordenar racionalmente as ações e reflexões engendradas pelo Plano de Estudo e apresenta uma particular percepção da vida cotidiana do estudante e tomada de consciência; desenvolvimento da formação geral, uma vez que retrata a história da família, da comunidade, da terra em que trabalha, e de outros aspectos que compõem a estrutura familiar; o compromisso com a transformação da realidade vivida pelo estudante, por meio do processo de tomada de consciência e análise sistematizada dessa realidade e, também, um elemento de orientação profissional, considerando que as reflexões registradas são resultados do trabalho do jovem e da vida social da família. Longe de ser compreendido como um estudo exaustivo de um problema, o Caderno da Realidade deve ser assumido como um estudo contínuo de uma realidade que não é estática, mas sim, se renova sucessivamente no tempo e no espaço.

O Caderno de Realidade e atividades correspondentes, constitui a parte principal da Pedagogia da Alternância dos CEFFAs, pois permite considerar e usar efetivamente o espaço-tempo da vida familiar

e o socioprofissional como um componente real da formação. Seus efeitos formativos são múltiplos e essenciais para o alternante, mas não são menores para todos os demais que os acompanham: familiares, monitores e membros da comunidade ao qual pertencem. O questionamento que para todos é uma fonte de interpelações e indagações, também provoca críticas e reflexões sobre o cotidiano da vida. Por esse motivo, nas atividades de gestão pedagógica, o Caderno da Realidade exige uma dedicação de tempo e espaço no planejamento semanal (GIMONET, 1999).

A compreensão da Pedagogia da Alternância nos projetos educativos dos trabalhadores camponeses supõe a necessidade do conhecimento - cada vez mais abrangente - dos processos, dos recursos e dos componentes que ela produz e dos quais se utiliza para efetivar-se enquanto movimento permanente e dinâmico. Os instrumentos metodológicos e pedagógicos, como o Plano de Estudo e o Caderno da Realidade, são partes imprescindíveis para revelar aspectos importantes das experiências, das necessidades e dos desafios enfrentados pelas famílias agricultoras para manter sua reprodução socioeconômica. Por isso, são também responsáveis por sustentar a concepção de que a formação resulta da interação permanente entre os sujeitos e os seus contextos, mediatizada pelo conhecimento historicamente acumulado e socialmente dividido.

Considerações Finais

A experiência da Pedagogia da Alternância que vem sendo desenvolvida pelos trabalhadores camponeses, nos últimos cinquenta anos, não é modelo que se sedimenta e tampouco se realiza isento de tensionamentos e contradições. A dinâmica histórica de expansão dos CEFFAS e da Pedagogia da Alternância aponta para um permanente movimento de rupturas e de novas articulações, o que expressa uma constante necessidade de adequar os processos socioeducativos e seus aspectos metodológicos a uma base socioterritorial e cultural marcadamente diversificada.

[...] A alternância não é nem pode ser tomada como uma pedagogia pronta, importável e exportável. Venha de onde vier ela não possui um modo de usar. Qualquer tentativa de colocá-la acima da história, contexto cultural, dos valores e das tradições regionais pode converter-se num erro grave. A pedagogia da alternância somente ganha valor quando re-apropriada criticamente e reinventada pelos atores locais (RODRIGUES, 2008, p. 179).

A Pedagogia da Alternância é o resultado do acúmulo das experiências de diferentes sujeitos sociais nos seus territórios e temporalidades, constituindo uma extensa trajetória caracterizada por avanços e retrocessos, lutas e resistências dos trabalhadores camponeses capixabas. É importante destacar a impossibilidade de compreender a Educação do Campo no Brasil desvinculada do contexto dos CEFFAs, particularmente das Escolas Famílias Agrícolas, e da Pedagogia da Alternância, uma vez que não existem registros no estado de outros projetos de educação popular voltados para os camponeses, anterior a tais experiências educacionais. As famílias agricultoras assumiram, na proposta da alternância, um sentido de estratégia para garantir a escolarização de crianças e jovens que vivem no campo, conjugando a formação escolar com as lutas sociais, a cultura e o trabalho no campo.

A amplitude e as finalidades dos processos educativos como a Pedagogia da Alternância, que emergem do esforço coletivo dos trabalhadores camponeses no sentido de garantir uma formação compatível com os interesses da classe transcende a dimensão da escola e da educação como uma determinação histórica, ou seja, que apresenta um propósito específico nos marcos das relações sociais hegemônicas. Se por um lado, estes processos não possuem potencial para romper e superar as estruturas que definem a forma de organização da sociedade, por outro conseguem alcançar um horizonte onde se pode vislumbrar as

diferentes possibilidades de afirmar um outro sentido político para as práticas pedagógicas. As experiências educativas que conseguem atravessar este limiar tendem a produzir contradições e enfrentar um conjunto de desafios inerentes à estas ocorrências excepcionais. Ressaltamos, deste modo, a necessidade da permanência do embate teórico sobre as limitações e as possibilidades criadas por instituições e práticas pedagógicas que a exemplo da Pedagogia da Alternância projetam alternativas de educação emancipatórias para a classe trabalhadora embutidas no Estado burguês.

Referências

- ARAÚJO, S. R. M. A Alternância na formação do jovem do campo: o caso da escola Família Agrícola de Angical (BA). In: OLIVEIRA, A. F. de.; NASCIMENTO, C. G. do. (Orgs). **Educação na Alternância: cidadania, e inclusão Social no Meio Rural Brasileiro**. Goiânia: Ed. Da UCG, 2007. 162 p.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GARCÍA-MARIRRODRIGA, R.; PUIG-CALVÓ, P. **Formação em alternância e desenvolvimento local: o movimento educativo dos EFA no mundo**. Belo Horizonte: O lutador/AIDEFA, 2010.
- GIMONET, J-C. **Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAS**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- GIMONET, J-C. Nascimento e desenvolvimento de um movimento educativo: as Casas Familiares Rurais de Educação e Orientação. I Seminário Internacional da Pedagogia da Alternância. **Anais...** Salvador, 03 a 05 nov. 1999.
- GIORIO G., LAZZARI F., MERLER A. (Cur.). **Dal micro al macro**. Percorsi socio-comunitari e processi di socializzazione. Cedam, Padova, 1999.
- MOVIMENTO PROMOCIONAL DO ESPÍRITO SANTO, 2021. **Pedagogia da Alternância**. Disponível em: <<https://www.mepes.org.br/pedagogia-da-alternancia>>. Acesso em 22 de fevereiro de 2021.
- RODRIGUES, J. A. Práticas discursivas de reprodução e diferenciação na Pedagogia da Alternância. **Tese**. Doutorado em Educação. UFES, Vitória, 2008. 190p.
- SANS H. M., INÉS A. y DAVID B. (2002). “Preparación para el desarrollo local en el medio rural. Un análisis de herramientas pedagógicas y de gestión en las escuelas de alternancia en Provincia de Buenos Aires”. Trabajo presentado en el simposio Organización de la Educación para el Trabajo, **VII Jornadas de Humanidades y Ciencias Sociales, Universidad Nacional de Jujuy**.
- SAVIANI, D. **Apresentação para Educação no campo: origens da pedagogia da alternância no Brasil**, de NOSELLA, Paolo. Vitória: EDUFES, 2012, 23.
- SILVA, L. H. da. As representações sociais da relação educativa escola família no universo das experiências brasileiras em formação em alternância. 2000. 283p. **Tese** (Doutorado em Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Submetido em: 25.02.2021

Aceito em: 05.05.2021